

Aranha por um fio: a cor na construção de sentidos no livro de imagens

Estella Maria Bortoncello Munhoz⁴³
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Flávia Brocchetto Ramos⁴⁴
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar de que forma um livro destinado ao público infantil constrói a narrativa apenas com imagens. Para realizar a pesquisa, o objeto de estudo foi o livro de imagens *Aranha por um fio*, de Laurent Cardon (2011), publicado pela editora Biruta. A obra escolhida foi analisada através de sua visualidade. Para isso, a pesquisa avalia a construção da narrativa por meio de personagens, ações e, principalmente, pelo emprego das cores no plano de fundo. O aporte teórico foi baseado nos estudos de Adam (2008), Heller (2013), Nikolajeva e Scott (2011), Necyk (2007), Oliveira (2008) e outros autores. Através da pesquisa, pode-se concluir que o autor consegue conferir à história linearidade e continuidade por meio do ritmo das imagens, da repetição das personagens em diferentes situações e, principalmente, através do emprego das cores, que variam conforme a narrativa se desenvolve. O cenário, majoritariamente construído por uma cor sólida, mesmo que de forma inconsciente, auxilia o leitor a depreender sentidos da história. Além disso, foi possível constatar que as ilustrações fornecem possibilidades interpretativas que permitem a cada leitor se transforme no narrador da história e que as palavras, mesmo ausentes, mediam a criação de sentidos.

Palavras-chave

Literatura infantil. Livro de imagem. Narrativa. *Aranha por um fio*. Laurent Cardon.

⁴³Mestranda em Letras e Cultura, especialista em Literatura Infantil e Juvenil, bacharel em Design pela UCS.

⁴⁴Doutora e mestra em Letras pela PUCRS. Especialista em Literatura Brasileira pela PUCRS e graduada em Letras e Biblioteconomia pela UCS. Professora na Universidade de Caxias do Sul.

Introdução

“Eu escuto a cor dos passarinhos”
(Manoel de Barros)

O livro ilustrado é permeado por imagens e palavras. Mas como ocorre a narrativa em um livro constituído apenas por imagens? O livro de imagens é uma composição literária que dialoga com o leitor, possibilitando que a história seja contada pelo próprio receptor do livro através das lacunas deixadas na imagem. Dessa forma, enquanto o livro ilustrado pode ser considerado “aquele em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 24) e em que há relação entre palavra a imagem, o livro de imagens não contém texto escrito na narrativa e permite uma forma de construção e interpretação diferente, pois baseia-se primordialmente na visualidade. Para Necyk (2007, p. 69), “o livro de imagem vive certa contradição: trata-se de um produto da literatura, gerado sem o uso da escrita”.

O livro de imagens, apesar de ser criado basicamente por desenhos, não deixa de construir uma história porque possui elementos que possibilitam uma narrativa. Para Ramos (2014), esse tipo de livro pertence ao gênero narrativo, pois, pela visualidade, é possível observar a passagem do tempo, assim como aspectos ligados à espacialidade e aos personagens. Em relação ao desenho como base da história, Oliveira (2008, p. 29) destaca que “assim como existe uma sintaxe das palavras, existe também uma relativa sintaxe das imagens”.

A partir disso, optou-se por analisar os aspectos visuais do livro *Aranha por um fio*, enfocando-se principalmente nas cores utilizadas. A obra foi escrita pelo francês Laurent Cardon e publicada em 2011 pela editora Biruta. O livro faz parte de uma coleção que inclui títulos como *Polvo pólvora*, *Sapo a passo* e *Calma, Camaleão*, sendo todos livros de imagens e com protagonistas animais. A obra analisada ganhou diversos prêmios devido a sua qualidade literária, dentre eles o da Secretaria Municipal da Educação de Belo Horizonte (2012), o Itaú Criança (2013) e o prêmio Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC (2015).

Com posse da obra, foi possível analisar como personagens, ações e cores guiam a narrativa e estruturam o livro. Assim, primeiramente foi feita uma breve explanação sobre o que é o livro de imagens e uma apresentação dos elementos narrativos presentes na obra *Aranha por um fio*. Em seguida, a história e os elementos paratextuais foram analisados, tendo a cor como ponto de partida, visto que o emprego de diferentes tons sugere

interpretações à história e constrói uma unidade visual.

1 O livro de imagens

O livro de imagem é uma obra literária cujo enredo é criado por imagens e há ausência da palavra escrita. Ele se constrói como um conjunto articulado de imagens que permite a exploração do fio narrativo estabelecido através dos elos entre as páginas. Assim, uma imagem depende da outra para que a história seja percebida como uma narrativa e não seja lida apenas como várias imagens estáticas.

Segundo Linden (2018), o livro infantil passou por inovações ao longo do seu percurso. A imagem foi gradativamente conquistando espaço e hoje ela se torna indispensável na construção de significados. Assim, os ilustradores exploram ao máximo as possibilidades polissêmicas da imagem e, no caso do livro de imagem, criam o sentido com base primordialmente na visualidade.

Portanto, os movimentos, cenários, personagens e transformações que acontecem de uma cena a outra costuram a narrativa. O livro de imagens possui foco na história construída pelos desenhos, pois a narrativa literária é contada sem o emprego de palavras:

O livro de imagem é aquele que possui uma narrativa construída unicamente por ilustrações. O suplemento verbal é utilizado nas partes pré-textuais e pós-textuais da estrutura tradicional de um livro (Necyk, 2007, p. 68).

O livro de imagens pode ser percebido como uma junção de aspectos artísticos da literatura e das artes visuais, constituindo-se também como obra de arte. Sua construção ocorre em um sistema organizado plasticamente e possui componentes próprios que envolvem cor, forma, espaço e figuratividade. É por isso que o leitor gera significados e cria relações entre as páginas a partir daquilo que ele visualiza: “a imagem, ao ser lida, também é um texto que contém proposta de sentido e vai ser atualizada pelo leitor” (Ramos, 2014, p. 51).

Esse tipo de livro possibilita e incentiva às crianças uma leitura imagética, tornando possível diferentes compreensões da mesma história. Nas palavras de Iser (1999, p. 9), “o texto se completa quando o seu sentido é constituído pelo leitor”. Assim, quando o leitor se depara com um livro de imagem ele se torna responsável por criar o texto verbal. Segundo Necyk (2007, p. 154), “grande parte dos livros infantis é contada por um narrador observador que também pode ser chamado de narrador heterodiegético”, nesse caso, a voz do narrador provém do próprio leitor.

Além disso, “a ilustração no livro infantil faz parte de uma história, e as histórias

fazem parte da tradição oral” (Necyk, 2007, p. 69). O livro de imagens fornece um hiato interessante que necessita da imaginação para ser preenchido. A construção parte também de um nível oral porque a história quase nunca é escrita pelo leitor, apenas imaginada. Complementando essa ideia, Oliveira (2008, p. 42) defende que “a ilustração fala, mas não tem voz”. Portanto, cabe ao leitor interpretar e oralizar a narrativa com suas palavras.

Desse modo, ainda que o texto verbal esteja ausente na narrativa, é impossível interpretar as imagens sem ele. Para Volóchinov (2018, p. 101), “a palavra está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação”. Ou seja, o livro de imagens, como signo ideológico, possui uma significação que é permeada pela palavra. Assim, a imagem narrativa é compreendida por meio do signo linguístico, ainda que o texto escrito esteja ausente. Isso ocorre porque o leitor, por não ter acesso ao texto verbal, precisa criar uma história através de suas próprias palavras. Ao enxergar a narrativa e construir elos entre os desenhos, o leitor mobiliza de forma oral os vocábulos de seu domínio para construir sentidos à história. Dessa forma, a palavra permeia a compreensão e interpretação das imagens presentes no livro.

Assim, os livros de imagem vão além do texto escrito e não necessitam que a criança seja alfabetizada para conseguir entender as figuras e construir o enredo. No entanto, Ramos (2014, p. 52) destaca que “a educação do olhar é uma competência aprendida”, visto que interpretação de imagens exige uma educação visual para que o receptor seja capaz de decifrar códigos e detalhes da ilustração. Interpretar uma imagem é refletir sobre o conteúdo e assimilar o que está sendo visto por meio da ativação dos conhecimentos do leitor. Consoante Iser (1999), se por um lado o texto é apenas uma partitura, por outro lado, são as capacidades dos leitores que instrumentam a obra.

Ademais, por ser centrado na imagem, os elementos paratextuais desses livros são, não raro, as únicas partes da obra que contêm texto escrito. Esses elementos – título, subtítulo, prefácio, epígrafe, dedicatória, frontispício, guarda, capa e quarta capa – compõem uma estrutura que envolve e organiza a obra, auxiliando na produção de sentidos do livro e na própria narrativa sem palavras.

1.1 A construção narrativa em Aranha por um fio

Aranha por um fio trata da história de uma pequena aranha que está aprendendo a fazer teias com sua mãe. Ao longo de seu processo de aprendizagem, a aranha constrói várias

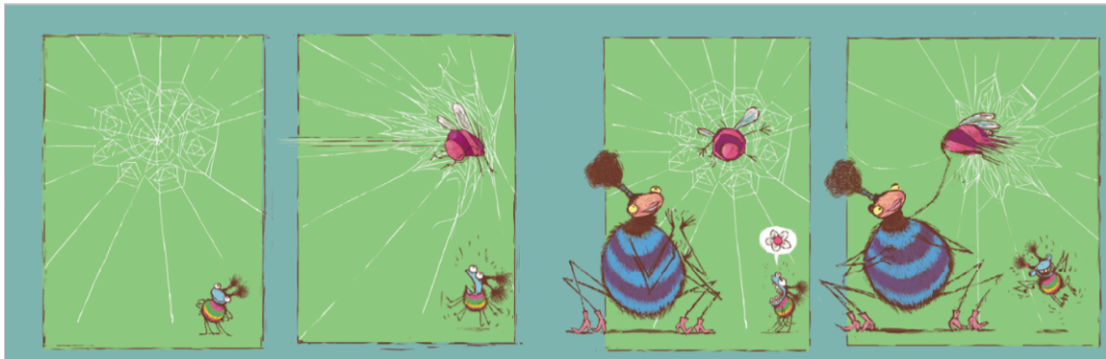
teias tortas e apresenta dificuldades para imitar os exemplos da figura adulta. A história passa por um momento tensão quando a aranha menor vê sua mãe comendo uma mosca e compreende que a função das teias é a de capturar insetos. A narrativa transforma-se a partir desse ponto, pois a pequena aranha, inconformada com a função das teias, busca dar uma alternativa diferente aos fios. Ao final, o leitor é surpreendido quando percebe que a protagonista construiu teias diferentes, que imitam um tecido rendado, com o objetivo de não mais capturar e ingerir presas, mas de permitir que os insetos pousem nas teias e enfeitem as rendas com seus formatos diferentes e asas coloridas.

Ainda que a descrição acima seja uma interpretação da história, ela não é a única possibilidade. A dimensão visual permite múltiplas propostas, logo, a cada nova leitura e novo leitor, diferentes interpretações podem ser pensadas. Ramos (2013, p. 109) destaca que “as crianças, pouco compromissadas com a lógica, são capazes de dar diferentes rumos para uma história proposta a partir dessa linguagem em que as palavras estão ausentes”, o que dialoga com Iser (1999), visto que cabe ao leitor atualizar o potencial da obra. Assim, o caráter polissêmico das imagens adquire sentidos únicos para cada pessoa.

Em relação às personagens, os desenhos são expressivos e cada uma das aranhas é criada de forma estilizada e humanizada. Não se trata de um retrato das aranhas da realidade, mas da representação desse inseto de modo lúdico, afinal, “a visualidade é um elemento presente na composição do livro que representa ações humanas” (Ramos, 2014, p. 50). Assim, no caso das figuras dos livros infantis, a verossimilhança não é condição para a percepção e aceitação da imagem pela criança. Por isso, as características humanas e surreais das personagens são importantes na construção narrativa e vão desde os elementos que compõem a expressão facial até as vestimentas.

Além disso, o livro de imagens permite uma leitura intermediática. No livro analisado, existem elementos que mostram os atos das personagens dentro de vinhetas. As cenas separadas em quadrados remetem às histórias em quadrinhos e parecem conferir mais velocidade à narrativa. Para Necyk (2007), o livro infantil incorpora a linguagem de outras mídias, sendo a mais comum a história em quadrinhos (figura 1). Mesmo que dialogue com outros gêneros, a continuidade nas ilustrações permanece, pois as cores do fundo e as personagens se repetem. Assim, o que muda é o ritmo da narrativa quando as personagens são desenhadas dentro de retângulos em alguns momentos e fora dessas molduras em outros. Desse modo, é a justaposição de elementos antagônicos ao longo do livro que gera o ritmo da história (Oliveira, 2008).

Figura 1: Relação intermidiática



Fonte: Cardon, Laurent. *Aranha por um fio*. São Paulo: Editora Biruta, 2011.

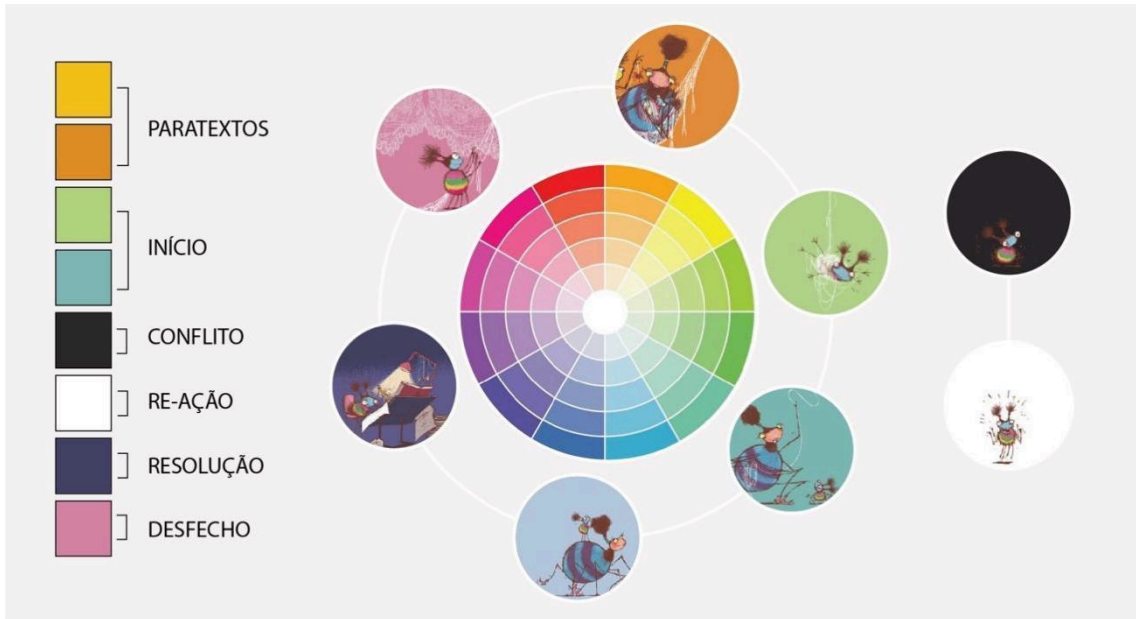
Ainda que seja uma condição temporária, tudo o que a imagem apresenta está no presente porque a imagem desconhece a temporariedade (Necyk, 2007). Mesmo assim, a estrutura narrativa e a ação das personagens, por meio da combinação de várias imagens, geram uma ordem temporal, pois “histórias que referem movimentos e mudança necessariamente tomam lugar no tempo” (Necyk, 2007, p. 140).

Portanto, a repetição de personagens, a presença e ausência de molduras e o uso das cores de fundo ajudam a construir o movimento da narrativa. Para Ramos (2014, p. 52), “não basta descrever ou enumerar o que se vê, é necessário estabelecer relações entre os elementos, por exemplo, cores, traços, formas”. Desse modo, cores, personagens e ações, por meio das mudanças de ritmo, formam uma unidade, constroem a identidade visual da obra e guiam a leitura da narrativa.

1.1.1 Narrativa guiada pela cor

A partir da observação da utilização das cores no plano de fundo da obra, é possível notar que o autor se embasou no círculo cromático, fazendo combinações tanto harmoniosas, quanto contrastantes. As cores do fundo percorrem o círculo cromático de modo horário, iniciando no tom amarelo e terminando no tom rosa. Cada um dos tons representa uma fase da narrativa: o início é predominantemente composto por azul e verde, que se intercalam. Depois, o preto contrasta com as cores existentes e indica o conflito da história. O branco e o violeta apontam para a progressiva resolução do conflito e, por fim, o rosa permeia o desfecho ameno do enredo. O laranja e o amarelo não estão presente no desenvolvimento da narrativa, mas nos elementos paratextuais.

Figura 2: Cores utilizadas na obra e a relação com o enredo.



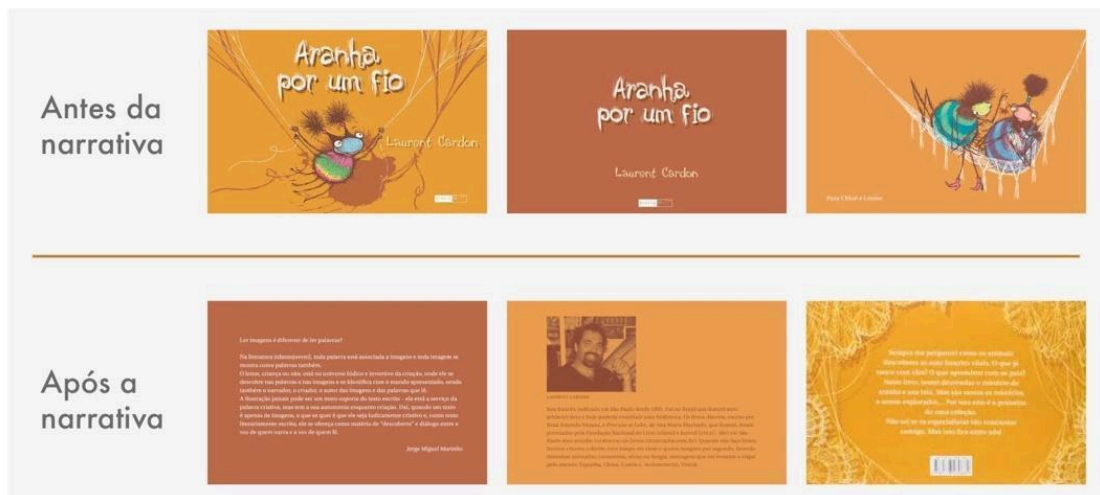
Fonte: Elaboração própria (2021).

Essa divisão da narrativa em partes permite uma relação com Adam (2008). Segundo o autor, narrativas como os contos são construídas comumente em cinco partes: a) situação inicial; b) nó desencadeador; c) re-ação/avaliação; d) desenlace/resolução; e) situação final (Adam, 2008, p. 224). O primeiro momento (situação inicial) e o último (situação final) são considerados os limites do processo, enquanto o nó desencadeador, a re-ação e o desenlace ocupam o espaço do núcleo do processo da sequência narrativa.

Desse modo, é possível perceber que as cores estão intimamente ligadas ao desenvolvimento da história, não servindo apenas como cenário, mas conduzindo o leitor na inferência de sentidos. O plano de fundo, formado majoritariamente por uma única cor sólida, acompanha as transformações da história. Com base nisso e tendo como ponto de partida o verso de Manoel de Barros, “eu escuto a cor dos passarinhos”, faz-se necessário analisar os possíveis sentidos gerados pelo emprego de diferentes cores ao longo do livro. Ainda que as cores possuam amplos significados, o objetivo é relacionar o significado que mais se adequa à história.

Pode-se dizer que a compreensão do enredo inicia antes mesmo da narrativa, pois os elementos paratextuais dão indícios sobre o conteúdo. Partes como capa, contracapa, folha de guarda e informações sobre autor são importantes para que o leitor sinta vontade de ler a história e são os primeiros que chamam a atenção através do olhar (Nikolajeva; Scott, 2011). Os paratextos iniciam e terminam o livro, e a história está contida entre eles, conforme pode ser verificado na figura 3.

Figura 3: Elementos paratextuais da obra.



Fonte: Elaboração própria (2021).

Além disso, o laranja e suas variações é a cor que faz parte dos elementos paratextuais, como capa, contracapa, guarda e informações sobre o autor. Esses tons não são usados durante o enredo, mas estão presentes no início e fim da obra, como forma de abertura e fechamento do livro. A ausência dessas cores nas partes narrativas ajuda na organização da leitura, visto que as páginas que contêm o tom de laranja são também as únicas em que há presença de texto escrito.

O laranja tem como lado mais forte a relação com a diversão, a sociabilidade e o lúdico. Além disso, trata-se de uma cor recreativa: “sem laranja não há lazer” (Heller, 2013, p. 339). Logo na capa é possível perceber uma aranha sorridente, que brinca com os fios. O ilustrador coloca a personagem principal em destaque e acrescenta a ela características que remetem à infância, como o penteado divertido e o movimento do brincar de balanço. O fato de a aranha estar pendurada por fios se relaciona com o título e as cores utilizadas deixam a imagem vibrante e alegre.

Depois dos elementos paratextuais iniciais, o verde e o azul conduzem o início da narrativa. Ao trocar a cor laranja por seu tom oposto, o autor sinaliza uma mudança no conteúdo do livro e introduz a história por meio das páginas com total ausência de texto escrito. Doze páginas duplas possuem o azul e o verde como plano de fundo. Essa alternância entre as duas cores ambienta o leitor que, aos poucos, consegue assimilar os desenhos e compreender a história. Na figura 4, é possível perceber essa mistura entre verde e azul.

Figura 4: Início da história com as cores verde e azul.



Fonte: Cardon, Laurent. *Aranha por um fio*. São Paulo: Editora Biruta, 2011.

Ainda segundo Heller (2013, p.46), o azul é uma das cores mais apreciadas pelas pessoas: “não existe sentimento negativo em que o azul predomine”. O azul é a cor da harmonia, da amizade e da confiança e transmite leveza ao leitor. Com base nisso, o autor opta por iniciar a história de forma amena, mostrando a vida, as descobertas e as aventuras da pequena personagem.

Logo após o azul, o verde também é uma cor estimada:

o verde ocupa o segundo lugar mais citado para esses [bons] sentimentos. Ao contrário do divino azul, o verde é terrestre, é a cor da natureza. No acorde azul-verde, o céu e a terra se unem (Heller, 2013, p. 47).

Além disso, o verde se constitui pela mistura entre o azul e o amarelo. Apesar de ser uma cor com muitas variações, o tom utilizado no livro transmite vivacidade, pois trata-se da “cor da juventude” (Heller, 2013, p. 198). Nesse sentido, o verde também se relaciona com a história, visto que mostra a jovialidade e o amadurecimento da pequena aranha que, com o auxílio da mãe, passa a aprender coisas novas. Junto à cor azul, esse tom confere à história harmonia e dialoga com as ações tranquilas e bem humoradas da aranha e de sua mãe.

No entanto, a história sofre uma mudança rítmica. O entrelace entre azul e verde é substituído quando a aranha descobre qual o objetivo das teias que estava aprendendo a construir. Assim, o livro não enfoca mais nas ações das personagens, mas nas emoções conturbadas da protagonista. O azul e o verde perdem a saturação e a própria narrativa também muda de velocidade, pois a personagem é desenhada seis vezes na mesma página da direita e não mais dentro das molduras, conforme figura 5.

Figura 5: Mudança rítmica e de cor.



Fonte: Cardon, Laurent. *Aranha por um fio*. São Paulo: Editora Biruta, 2011.

A quebra do ritmo através da diminuição da saturação⁴⁵ ganha um sentido ainda mais contrastante quando, ao virar a página, o autor opta por utilizar um fundo totalmente preto⁴⁶, como pode ser percebido na figura 6. O momento conflituoso da obra é representado pela página dupla com fundo escuro que diverge do azul e do verde. Segundo Heller (2013), o preto transforma o significado de todas as cores em seu oposto negativo, distingue o bem e o mal e provoca uma diferença entre o dia e a noite. Na história, essa cor se relaciona com a tristeza em que se encontra a protagonista.

Figura 6: Cena do conflito (folha dupla).



Fonte: Cardon, Laurent. *Aranha por um fio*. São Paulo: Editora Biruta, 2011.

Porém, nota-se que no canto direito da imagem há um ponto de luz que conduz à página dupla seguinte⁴⁷, cujo fundo é totalmente branco. Com base nisso, ao virar as páginas pretas, o leitor se depara com um nítido contraste entre as duas cores. Para Heller (2013, p. 541) “na simbologia cromática cristã, o preto é a tristeza pela morte terrena, [...] e o branco é

⁴⁵ Segundo Dondis (1997), a saturação é uma dimensão da cor. As cores menos saturadas levam a uma neutralidade cromática, e até mesmo à ausência de cor, sendo sutis e repousantes.

⁴⁶ Ainda que haja uma discussão sobre preto ser ou não uma cor, sua simbologia é única e se distingue das demais cores (Heller, 2013).

⁴⁷ Consoante Nikolajeva e Scott (2011, p. 211), “o virador de página em um livro ilustrado corresponde a uma situação de suspense no fim do capítulo de um romance. [...] Em um livro ilustrado, um virador de página é um detalhe, verbal ou visual, que encoraja o espectador a virar a página e descobrir o que acontece a seguir”.

a cor da ressurreição”. As duas cores não fazem parte do círculo cromático, no entanto, ambas modificam o ritmo da história: se o preto confere à narrativa tom pesado e melancólico, o branco restitui a esperança à protagonista, visto que a cor branca não costuma ter uma concepção negativa (Heller, 2013). Assim como o branco pode ser o início de um renascimento, ele representa também a mudança de perspectiva da protagonista do livro.

O que se pode perceber é que o preto e o branco acompanham a mais nítida e contrastante mudança na história. Não por acaso, a linearidade do círculo cromático é quebrada nessas páginas, evidenciando a forma como a protagonista saiu de sua jornada harmoniosa e se deparou com o conflito. Aos poucos, essa desordem é serenada e o autor retoma o uso das cores do círculo cromático, dando continuidade à narrativa.

A história não retoma as cores já utilizadas, como o verde e o azul, porque o impacto sofrido pela protagonista transforma seu percurso. Assim, o violeta é a cor que dá continuidade à história e condiz com os sentimentos contraditórios sofridos pela personagem, visto que se trata de uma cor com sentimentos ambivalentes (Heller, 2013). Com esse tom de fundo, a aranha é desenhada fazendo planos, e o leitor fica curioso para saber o que ela está preparando. Para Heller (2013), o violeta é a cor das pessoas inconformadas e originais. Também é uma cor associada aos artistas, o que condiz com a personagem que parece estar pesquisando e rabiscando suas ideias em um papel. O desenlace que se encaminha para a resolução é, portanto, significado por meio do violeta, conforme a figura 7.

Figura 7: Cena do desenlace com a cor violeta



Fonte: CARDON, Laurent. *Aranha por um fio*. São Paulo: Editora Biruta, 2011.

Por fim, a narrativa completa a volta pelo círculo cromático e se finda na cor rosa. Segundo Heller (2013, p. 404), trata-se da cor do carinho e da suavidade: “a fantasia é um estado em que as pessoas flutuam em nuvens cor-de-rosa e enxergam tudo através de lentes rosadas”. O rosa permite ao leitor perceber a transformação que aconteceu na vida da

protagonista: o sentido das teias foi alterado e elas não servem mais para capturar presas, mas para embelezar as redes. A cor do fundo transparece esse sentimento de doçura emanado pelas ações da protagonista. Além disso, o desenho com os insetos coloridos confere às páginas um aspecto lúdico e alegre, conforme a figura 8.

Figura 8: Cena do desfecho (folha dupla)



Fonte: Caedon, Laurent. *Aranha por um fio*. São Paulo: Editora Biruta, 2011.



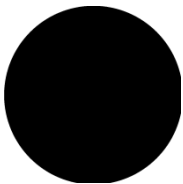
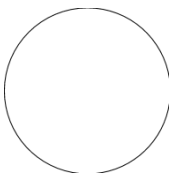


Assim, o desfecho da história não se dá de forma cíclica, com a repetição das cores iniciais, mas com o acréscimo do rosa. A aranha conseguiu superar o conflito da história e provocar um desfecho apaziguador. A cor rosa, portanto, simboliza que, apesar da diferença em relação ao início, o desfecho também possui um tom ameno e acolhedor: “existem sentimentos e conceitos que só se podem descrever pelo rosa. Todos os sentimentos que pertencem ao rosa são positivos” (Heller, 2013, p. 541).

Com o final da narrativa, o laranja volta a aparecer nos elementos paratextuais, que conduzem ao fechamento do livro e também ao encerramento das cores do círculo cromático.

Para melhor demonstrar a relação entre as cores e os elementos narrativos, o quadro abaixo foi construído com base: a) no modelo quinário de Adam (2008); b) nas cores do círculo cromático presentes ao longo do livro; c) no conteúdo do enredo assimilado por meio da narrativa de imagens.

Quadro 1: Relação entre narrativa, cor e conteúdo

Estrutura narrativa (ADAM, 2008)	Cor utilizada	Interpretação do conteúdo visual
Paratextos	Laranja e amarelo	Capa, folha de guarda, informações sobre o autor, informações sobre o livro de imagens, contracapa.

		
Situação inicial	Azul e verde 	A pequena aranha está aprendendo a fazer teias com sua mãe (trata-se da parte mais longa da narrativa).
Nó desencadeador	Preto 	A protagonista descobre que as teias servem para capturar insetos como presas. Inicia-se o conflito.
Re-ação/avaliação	Branco 	A pequena aranha fica assustada, mas se depara com uma possibilidade de mudança.
Desenlace/resolução	Violeta 	A aranha começa a ter ideias diferentes para o uso das teias.
Situação final	Rosa 	A protagonista soluciona o conflito, ressignificando o uso das teias.

Fonte: Elaboração própria (2021)

Portanto, com base na a análise do livro, é possível afirmar que a cor conduz a criação da narrativa. Ainda que o leitor oralize o que visualiza em relação às mudanças observadas nas ações das personagens, o cenário colorido e seus contrastes auxiliam na percepção das mudanças que ocorrem ao longo da história. A cor interage com as ações e os sentimentos da aranha e ajuda o leitor a perceber a linearidade da narrativa, com o início tranquilo, a tensão do nó desencadeador, a criatividade da re-ação, a surpresa do desenlace e o desfecho feliz da história.

Conclusão

Em *Aranha por um fio*, é narrada a trajetória de uma pequena aranha que está aprendendo a fazer teias e que acaba tendo uma ideia incomum. A partir da análise do livro, foi possível compreender os aspectos narrativos presentes no livro de imagens e a importância das cores como base da história. O autor percorre por todas as cores do círculo cromático, permitindo que o cenário se relacione com os sentimentos e acontecimentos vivenciados pela protagonista. Dessa forma, o fundo auxilia o leitor na compreensão de sentidos.

Na obra estudada, a história só é possível graças à continuidade estabelecida entre as imagens, à conexão feita entre todas as partes do livro e às mudanças de cores. Uma cena se conecta a outra e uma ação remete à ação anterior, possibilitando uma visível linearidade. Para Necyk (2007, p. 143) a missão de cada página é de “traduzir um evento vinculado ao evento anterior, ao evento posterior e, de alguma, forma a todos os eventos do livro”.

Além disso, um livro sem palavras possibilita o desenvolvimento da narrativa por meio da visualidade e abre espaço para a interpretação de cada um. A partir das observações e do conhecimento de mundo, o leitor produz um trabalho quase de coautoria com o autor, já que as lacunas da visualidade são preenchidas pelo ato imagético e pelas palavras do público. A obra permite diversas interpretações e estimula a criatividade do leitor, além de unir literatura e artes visuais por meio de uma narrativa sem palavras.

O livro de imagens pode ir além do que está ilustrado e da própria obra, ele permite uma divagação sobre os caminhos da leitura, que fazem o leitor criar seu próprio emaranhado de possibilidades com base no que enxerga e na forma como organiza a visualidade por meio de suas próprias palavras. Não é por acaso que o eu lírico do poema de Manoel de Barros escutava a cor dos pássaros: as imagens e as cores têm muito a dizer para quem sabe ver e imaginar.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- CARDON, Laurent. **Aranha por um fio**. São Paulo: Editora Biruta, 2011.
- DONDIS, Donis. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estético. Vol 2. São Paulo: Editora 34, 1999.

LINDEN, Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: SESI-SP, 2018.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado**: palavras e imagens. São Paulo: Cosaic Naify, 2011.

NECYK, Barbara Jane. **Texto e imagem**: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos jardins Boboli**: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

RAMOS, Flávia Brocchetto. A literatura me alcança pelas imagens que a constituem: reflexões epistolares. In. **PNBE na escola**: literatura fora da caixa. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2014.

Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15608-guia-ef-leituraforadacaixa-pdf&category_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 30 mar. 2021.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2018.

ARANHA POR UM FIO: THE COLOR IN THE CONSTRUCTION OF MEANINGS IN THE PICTURE BOOK

Abstract

This article analyzes how a children book builds the narrative only with images. To carry out the research, the object of study was the picture book *Aranha por um fio*, by Laurent Cardon (2011), published by Biruta. The chosen book was analyzed through its visuality, for this, the research evaluates the construction of the narrative through characters, actions and, mainly, through the use of colors in the background. The theoretical approach comprises studies by Adam (2008), Heller (2013), Nikolajeva and Scott (2011), Necyk (2007), Oliveira (2008) and other authors. Through the research, it can be concluded that the author gives linearity and continuity to the story through the rhythm of the images, the repetition of characters in different situations and, mainly, through the use of colors that vary as the narrative develops. The scenery, mostly built in one solid color, helps the reader to understand the meanings of the story, even unconsciously. Furthermore, it was possible to verify that the illustrations provide interpretative possibilities that allow each reader to become the narrator of the story. And the words, even absent, mediate the creation of meanings.

Keywords

Children's literature. Picture book. Narrative. *Aranha por um fio*. Laurent Cardon.